

**EKODIDÉ NO SAMBÓDROMO:
Segredo ritual, candomblé e espaço público no carnaval paulistano¹**

Patrício Carneiro Araújo²

Professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Doutor em Antropologia pela PUC/SP.

Resumo:

A proposta deste artigo é retomar a discussão a respeito do estatuto de segredo de certos rituais do candomblé, a partir da exposição pública de elementos a ele associados. Nosso ponto de partida é um conflito estabelecido em São Paulo, durante o carnaval de 2014, motivado pelo samba-enredo e pelas alegorias e fantasias da escola de samba *Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio*. Neste artigo buscamos descrever o desenvolvimento desse conflito e analisá-lo numa abordagem socioantropológica que leve em conta o segredo ritual no candomblé e as disputas simbólicas estabelecidas por diferentes sujeitos sociais, a partir de aspectos que, para alguns, eram uma exposição pública desses segredos.

Palavras-chave: Candomblé, segredo ritual, espaço público, carnaval.

***EKODIDÉ IN THE SAMBADROME:
ritual secrecy, Candomblé and public space in the Carnival Paulistano***

Abstract:

This article aims at following up the debate about the status of secrecy of Candomblé rituals, particularly in contexts where elements associated with it are publicly exposed. I will take into consideration a conflict that took place during the Carnival of São Paulo 2014, involving the *samba-enredo* and the allegorical floats and costumes of the samba school *Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio*. In this article I will describe the development of this conflict and I will analyse it from a socio-anthropological perspective. My analysis will take into account the topic of Candomblé ritual secret and the symbolic disputes put into action by different social actors, starting from the actions that for some people constitute a public exposure of these secrets.

Keywords: Candomblé, ritual secret, public space, carnival.

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada na 29ª *Reunião Brasileira de Antropologia*, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

² Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas: Relações Raciais: Memória, Identidade e Imaginário (PUC/SP).

O tema do segredo não é novidade na Sociologia e na Antropologia. Ao longo do desenvolvimento dessas ciências, o segredo foi analisado em diferentes perspectivas, ora como elemento de socialização (SIMMEL, 1977), ora como parte do conjunto de ritos que visa ao engendramento das relações de poder e diferenciação entre religião e magia (DURKHEIM, 1996). Os estudos de Van Gennep (1977) e de Victor Turner (1974; 2008) são exemplos de abordagens acerca do segredo, e demonstram o quanto esse tema ocupou o interesse de pesquisadores das Ciências Sociais em desenvolvimento. Caso revisemos, por exemplo, os estudos a respeito das religiões africanas tradicionais, ou mesmo acerca da magia naquele continente, verificaremos como é vasto o campo de pesquisas e análises do estatuto do segredo ritual.

Não é nosso interesse, neste trabalho, apresentar uma abordagem profunda dos estudos referentes ao segredo ritual nessas diferentes ciências e sociedades como um todo. Vamos nos limitar a analisar um dos aspectos do segredo ritual na forma como este é praticado pelas religiões afro-brasileiras.

O tema do segredo ritual nas religiões afro-brasileiras nem sempre ocupou lugar privilegiado nas Ciências Sociais. Contudo, entre os religiosos, esse sempre foi um tema primoroso, muitas vezes considerado tabu. A década de 1950 assistiu aos paradigmáticos casos de exposição fotográfica de rituais tidos como ultrassecratos no candomblé, como testemunham a reportagem de Henri-George Clouzot, *Les Possédés de Bahia*, publicada na revista francesa *Paris Match* (1951), e a reportagem de José Medeiros, na *Revista O Cruzeiro*, com o título *As noivas dos deuses sanguinários*. A polêmica e a vendagem da reportagem de Medeiros foram tamanhas que, em 1957, reapareceria na forma de livro intitulado *Candomblé*. Essas reportagens expuseram aos olhares profanos, dentre outros rituais, cenas de sacrifício de animais que antes só haviam sido presenciadas por pessoas iniciadas nessas religiões. A ideia do segredo ritual começava a extrapolar as fronteiras dos terreiros (TACCA, 2009).

A partir da década de 1990, alguns estudiosos lançaram um olhar mais interessado a esse tema, enquanto os terreiros ressignificavam práticas rituais, sobretudo no tocante ao segredo. Estudos hoje considerados fundamentais nessa temática, como os de Johnson (2002), Prandi (2005), Silva (2006), T'Ogun (2009) e Tacca (2009), além da análise desenvolvida por mim (Araújo, 2011), revelam que o segredo ritual constitui um elemento estruturante nessas religiões e merece mais atenção nos estudos sócio-histórico-

antropológicos. A proposta deste artigo é retomar a discussão acerca do estatuto de segredo de certos rituais do candomblé, a partir da exposição pública de elementos a ele associados.

Parto de um conflito estabelecido em São Paulo, durante o carnaval de 2014, motivado pelo samba-enredo e pelas alegorias e fantasias da escola de samba *Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio* (G.R.C.E.S. Estrela do Terceiro Milênio).

Adotando o candomblé como samba-enredo, essa escola modelou suas fantasias a partir de seus elementos. Além dos nomes dos orixás, as fantasias também reproduziam uma estética diretamente relacionada com ritos daquela religião. Contudo, ao reproduzir na fantasia da bateria a representação de um neófito (*iyaô*) de cabeça raspada, com pinturas rituais pelo corpo e levando na cabeça a pena sagrada *ekodidé* (pena de uma ave sagrada africana, utilizada em alguns rituais do candomblé), a escola de samba se viu envolvida em um tenso e acalorado conflito que envolveu foliões e lideranças religiosas do candomblé, que acusaram a escola de expor, em espaço público e profano, elementos secretos e sagrados da religião. Este artigo descreve e analisa o desenvolvimento desse conflito a partir de uma abordagem socioantropológica, considerando que tal conflito constitui experiências sociais, religiosas e estéticas de disputas simbólicas que mobilizaram diferentes atores sociais, ritos e tradições em permanente movimento, como é o caso do candomblé e do carnaval.

Carnaval e candomblé: origens comuns

A relação entre candomblé e carnaval é antiga. Aliás, pode-se mesmo asseverar que, quando se fala de Brasil, tanto essa religião quanto essa manifestação cultural possuem origens comuns. Se tomarmos os estudos acerca do carnaval, por exemplo, constatamos que se apoiam em uma plataforma cultural de origem afro-brasileira, que José Flávio Leopoldi (1977) chamou de *mundo do samba*; o carnaval brasileiro tem sido tributário de comunidades negras que, por intermédio de processos culturais e históricos, foram configurando e plasmando esse evento, hoje tão conhecido e tradicional, que a cada ano amplia a visibilidade do Brasil e da cultura brasileira em proporções nacionais e internacionais. Estudos clássicos a respeito do samba, como o de Roberto Moura (1995),

e acerca do carnaval, como os também clássicos estudos de Roberto Da Matta (1973; 1997) e de Olga Rodrigues de Moraes Von Simson (2007), dentre outros, não deixam dúvidas quanto à visceral relação entre as populações e culturas afro-brasileiras e o carnaval. Da mesma forma, não se pode negar a estreita relação existente entre as religiões afro-brasileiras, acentuadamente o candomblé, e o carnaval. Pode-se então afirmar, já no início deste trabalho, que candomblé e carnaval sempre estiveram associados.

Contudo, na relação entre espaço público e privado, assim como entre as dimensões do sagrado e do profano – conforme as concepções de *sagrado e profano* adotadas por Mircea Eliade (2010) –, a convivência entre candomblé e carnaval tem apresentado, amiúde, pontos de tensão e de conflitos. E isto porque os diferentes atores sociais que administram tanto a religião quanto o carnaval apresentam concepções diferentes quanto aos limites e às fronteiras que se presume haver, ou mesmo que se imagina dever existir, quando elementos desses dois universos (o religioso e o lúdico) se encontram. Como se sabe, enquanto o carnaval se caracteriza proeminentemente pela publicidade, o candomblé reivindica um resguardo acentuado da discrição de grande parte de seus rituais, resguardo esse que se materializa por meio do chamado *segredo ritual*. O segredo ritual compõe um dos elementos estruturantes do candomblé, fazendo parte da sua própria natureza. O segredo ritual assume então uma das razões de ser do candomblé.

Essa dimensão do segredo ritual no candomblé pode ser verificada com propriedade, dentre outros, nos trabalhos de Vagner Gonçalves da Silva (2006), quando analisa os *Segredos do escrever e o escrever dos segredos* (2010, p. 133), e de Reginaldo Prandi (2005), quando fala da presença dos orixás na “alma brasileira”, como uma forma de segredos guardados, e analisa a *hipertrofia ritual e falência moral*, perceptíveis, segundo ele, nas religiões afro-brasileiras. Segundo este último autor, a hipertrofia ritual se caracterizaria por uma limitação da memória afro-religiosa que implicaria a perda de muitos dos elementos rituais das antigas religiões africanas que lhes deram origem. Esta realidade levaria muitos religiosos e devotos do candomblé a lamentarem este fato, já que: “Acreditam muitos sempre ser possível redescobrir e fazer valer outra vez velhos segredos guardados, que muitos outros creem estar irrecuperavelmente perdidos”. (PRANDI, 2005, p. 5).

Ainda segundo Prandi, a *falência moral* percebida nessas religiões estaria ligada ao fato de que “[a]s casas-de-santo raramente realizam atividade de desenvolvimento intelectual e moral de seus quadros, mantendo-se sempre um falso clima de mistério,

segredo e reserva sobre questões de doutrina”. Ainda segundo o autor, ao explicar a respeito dessa mesma “doutrina”:

Essa é pouco ensinada e discutida, e fartamente ignorada por pais e mães que não tiveram tempo, interesse ou oportunidade de aprender, desconhecendo-se, por exemplo, as concepções de nascimento, morte e reencarnação que foram fundamentais na religião dos orixás. (PRANDI, 2005, p. 157-158).

Ora, por essas palavras já é possível ter uma ideia de quanto o tema do segredo ritual desperta polêmicas e incita a curiosidade tanto de religiosos quanto de pesquisadores.

Nesse sentido, enquanto o candomblé prima pela discrição do segredo, no caso do carnaval promovido pelas escolas de samba não teria razão de ser, senão por meio da visibilidade pública que adquire no momento do desfile realizado na avenida, sob os olhares de milhares de espectadores, de um grupo de julgadores e dos holofotes da mídia. É nessa perspectiva que Leopoldi (1977) afirma que é para o desfile das escolas de samba que confluem todas as manifestações oficiais e não oficiais do carnaval. No tocante a esse momento crucial da vida das escolas de samba, o autor afirma:

Por mais de doze horas consecutivas sucedem-se as apresentações das Escolas de Samba na “avenida” ou “passarela”, como é conhecido o espaço demarcado para a sua evolução. Os 80 minutos concedidos a cada exibição constituem o momento para o qual as agremiações se preparam a maior parte do ano que se seguiu ao último carnaval. O ambiente é de intensa alegria que abarca tanto assistentes quanto participantes. Não raro para os sambistas – muitos dos quais entreveem no desfile um momento, talvez o único, de realização pessoal e de participação efetiva num acontecimento prestigiado por todo o conjunto da sociedade – a exibição de sua escola se reveste de desmesurada importância. Daí o estado generalizado de tensão que envolve os grupos de participantes, preocupados antes de tudo, em desempenhar eficazmente o seu papel e conscientes de que a apresentação do conjunto da agremiação depende, em última instância, do empenho de cada componente. (LEOPOLDI, 1977, p. 114-115).

Assim, o ponto de chegada de toda a mobilização do mundo do samba é a exibição pública dos resultados de um ano de trabalho árduo. Há, ainda, mais um dado significativo que deve ser evocado aqui, para se compreender a importância da exibição pública para as escolas de samba: trata-se das *ligas das escolas de samba*, que congregam diferentes grupos e categorias de escolas, sendo responsáveis tanto pela organização dos desfiles quanto por quaisquer processos decisórios ligados a promoções ou punições dessas escolas coligadas.

Na sua pesquisa a respeito do carnaval do Rio de Janeiro, na forma com que esteve organizado para o ano de 1974, Leopoldi explica a existência de três grupos: Grupo III, Grupo II – ou de *acesso*, e grupo I – ou das *escolas especiais*. Ainda segundo suas palavras, o *status* e nível de prestígio desses grupos se dariam na ordem de I>II>III. Há então um gradiente na categorização das escolas, o que se dá a partir da sua classificação, submetida aos resultados do desfile oficial. É nesse desfile que se dá a publicização dos elementos por elas incorporados, por meio dos itens passíveis de avaliação pelas comissões julgadoras. Considerando que o trabalho de Leopoldi tomou como referência o carnaval do Rio de Janeiro em 1974, ele explana que, para aquele ano, os itens passíveis de avaliação para o grupo especial, itens esses previstos no regulamento da Liga das Escolas de Samba daquela cidade, somavam dez e eram os seguintes: alegoria, letra do samba-enredo, fantasias, evoluções, exibição do mestre-sala e da porta-bandeira, melodia, harmonia, bateria, comissão de frente e enredo (LEOPOLDI, 1977, p. 114).

Entre o carnaval carioca da década de 1970 e o carnaval paulistano de 2014 há traços de ruptura e continuidade. Alguns desses traços se referem à organização e às formas de avaliação do desfile. Assim como acontece no Rio, também em São Paulo as escolas de samba trabalham arduamente durante o ano inteiro na preparação do desfile dos dois principais grupos de escolas de samba. Da mesma forma que no Rio, em São Paulo também há uma Liga que define o estatuto e é responsável por dirimir questões ligadas ao desfile desses dois grupos. Para o desfile de 2014, em São Paulo, o grupo das escolas especiais estava composto por catorze escolas, que eram as seguintes:³ Leandro de Itaquera, Rosas de Ouro, X9 Paulistana, Dragões da Real, Acadêmicos do Tucuruvi, Vai-Vai, Tom Maior, Pérola Negra, Gaviões da Fiel, Mocidade Alegre, Nenê de Vila Matilde, Águia de Ouro, Império de Casa Verde e Acadêmicos do Tatuapé. Já o grupo II, de acesso, estava composto pelas seguintes escolas: Colorado do Brás, Morro da Casa Verde, Unidos do Peruche, Mocidade Camisa Verde e Branco, Imperador do Ipiranga, Unidos de Vila Maria, Mancha Verde e Estrela do Terceiro Milênio.

Quanto aos quesitos avaliados no carnaval de 2014, tanto para as escolas do Grupo Especial quanto para as do grupo de acesso, eram os seguintes: bateria, harmonia, evolução, samba-enredo, mestre-sala e porta-bandeira, comissão de frente, alegoria, enredo e fantasia, totalizando nove itens. É nesse contexto que será analisado o desfile de

³ Organizados de acordo com a ordem do desfile definida pela Liga para aquele ano.

uma escola de samba paulistana do grupo de acesso, a *Estrela do Terceiro Milênio*, que ocupava a última posição daquele grupo em 2014.

Sambas-enredos do carnaval paulistano em 2014

Como de praxe, durante o desfile de 2014 muitas escolas de samba dos grupos I e II do carnaval paulistano incluíram elementos ligados às religiões afro-brasileiras nos seus sambas e enredos. Exemplos disso são as escolas Leandro de Itaquera, que adotou o samba-enredo *Ginga Brasil, Futebol é Raça. Em 2014 a Copa do Mundo começa aqui*,⁴ a Acadêmicos do Tatuapé, ao adotar o samba-enredo *Poder, fé e devoção. São Jorge guerreiro*,⁵ a Águia de Ouro, com o samba-enredo *A velha Bahia apresenta o centenário do poeta cancionista Dorival Caymmi*⁶, e a Mocidade Alegre, com o samba-enredo *Andar com fé eu vou, que a fé não costuma falhar*.⁷ Já entre as escolas do grupo de acesso, os elementos ligados às religiões afro-brasileiras apareciam nas escolas Imperador do Ipiranga, com o samba-enredo *Os Quatro Deuses Encantados sob as Bênçãos de São Caetano do Sul*⁸, a Mocidade Camisa Verde e Branco, com o samba-enredo *O Quilombo*

⁴ Composto por André Ricardo, Beto Varandas, Didi Poeta, Rodolfo Minuetto, Vitor Gabriel e Medonha da Leste, a letra desse samba-enredo, entre outras coisas afirmava: “*Vai na ginga brasil, joga com o coração/Mostra para o mundo seu talento natural/Um dom abençoado pelos deuses/Revela um toque genial/Fruto de um país miscigenado/Puro sentimento que não tem explicação/Levo a alegria, por onde eu passo/Guerreiro, ousado, malandro de fato/No sol ou na chuva, no campo ou na rua... é emoção!/Desde criança, fiz da bola um brinquedo/Uma grande paixão!*”.

⁵ Com composição de Márcio André, Márcio André Filho e Vaguinho, a letra do samba-enredo dessa escola dizia: “*Um dia um menino/Valente guerreiro com seu ideal/Nasceu pra lutar contra o mal/É Jorge lá da capadócia/Com seu cavalo e sua lança/Espalhou a fé e a esperança/E a sua lenda cruzou continente/Venceu o dragão, salvou nossa gente/Na caravela a sua imagem/Chegou de Portugal/Fiel padroeiro/Que eu vim mostrar no carnaval/Ogum Iê, ... Iê meu pai/É proteção, ... é muito axé/Filho teu não cai/É arte em cena/Canções, poemas/Carrego na pele sua tatuagem/No meu coração força e coragem/Tu és cavalheiro de tantas batalhas/Meu santo guerreiro você nunca falha/E lá vou eu em devoção/No meio dessa procissão/Eu amaneço /os braços da fé/Vim do clarão da lua, sou Tatuapé/E canto forte em oração/Meus inimigos não me alcançarão*”.

⁶ Composto por Vitor Gabriel, Rodolfo Minuetto, Rodrigo Minuetto, Cruz, Bruno Tomegeski, Pelezinho, W. Corrêa e Jr. Silva, a letra desse samba-enredo, entre outras coisas, dizia: “*Odojá, a benção yemanjá/A jangada vai sair pro mar/E navegar nesse oceano de amor/Lindo pôr do sol, cenário de magia/Brilha o horizonte na velha bahia/Tem batucajé, no abaeté, mistérios no ar/Oh luar clareia, é lua cheia, deixa clarear/Das lágrimas da índia/Uma lagoa se formou, na praia de itapuã/Na lavagem do bomfim, bate o tambor/A saía da baiana tem axé/Tem mironga no congá/Ora yeye, Mãe Menininha do Gantois (...)*”.

⁷ Dos compositores Ana Martins, China da Morada, Douglas Sabião, Marcio Bueno, Rodriguinho e Victor Alves, a letra, entre outras coisas, dizia: “*Não importa a luz que te faz caminhar/Tenha fé que a fé não costuma falhar/Arruda pra benzer/ervas pra curar/Tem reza forte da Maria Benzedeira/Firma o batuque no meio desse terreiro/Na crença do mandingueiro/Figa de guiné, patuá*”.

⁸ Na composição de Maradona, Turko, Paulinho Miranda, Macaco Branco, Ricardo e Dilei, os elementos ligados ao candomblé apareceriam no seguinte trecho: “*Muita fé no santo em louvação/negro, axé,*

*está em festa! Do grupo Barra Funda ao Camisa Verde e Branco vamos celebrar 100 anos de história*⁹, e a Estrela do Terceiro Milênio, com o samba-enredo (objeto deste trabalho) *Xirê! Louvação aos orixás*.

De todas essas escolas, tanto as do grupo I, quanto as do grupo II, nenhuma mobilizaria naquele ano mais elementos das religiões afro-brasileiras do que a *Estrela do Terceiro Milênio*. E foram justamente os elementos do universo religioso do candomblé, levados por essa escola para a avenida, que despertariam uma acirrada polêmica, revelando conflitos entre carnavalescos e religiosos no carnaval paulistano de 2014.

Pela natureza do conflito e pelos agentes envolvidos na polêmica, tentarei ser minucioso tanto na descrição dos fatos quanto na análise que nos propomos aqui, a saber, entender por que seguidores do candomblé, tanto de São Paulo quanto de outras regiões do país, se sentiram agredidos pelo desfile da *Estrela do Terceiro Milênio*. Para mim, a tensão que se estabeleceu nas redes sociais está diretamente ligada à compreensão que há, entre esses religiosos, sobre o segredo ritual no candomblé, assunto acerca do qual já tratei em trabalhos anteriores, mais especificamente em *Segredo e poder no candomblé: as metamorfoses do segredo e a coesão intraterreiro* (2010), *O Segredo no candomblé: relações de poder e crise de autoridade* (2012) e *Awo Òrìsà: o segredo ritual como fonte do poder dos ègbónmi* (2012).

Xirê! Louvação aos orixás: o segredo ritual do candomblé sob a Estrela do Terceiro Milênio

Para muitos seguidores do candomblé, há uma grande diferença entre falar a respeito da religião e reproduzir seus rituais. Da mesma forma, a dicotomia sagrado/profano, por mais que nessas religiões não seja tão perceptível, possui grande força de delimitação de fronteiras físicas e simbólicas quando o assunto é o fazer e refazer

trabalho e escravidão/o imigrante chegou/trilhando esse chão/Ora yê yê ô Mamãe Oxum/Axé!!! Pra nossa cidade/Na igreja da matriz tem arraia”.

⁹De autoria de Denny Gomes, Almir Menezes, Léo Abdalla, Matheus Neves, Marcelinho, Fábio de Paula e Silas, nessa composição as referências às religiões afro-brasileiras apareceriam no seguinte trecho: “*Cem anos de glórias, gravadas no peito/e não tem mais jeito eu sou verde e branco/respeite o meu manto, meu trevo imortal/o meu Camisa é muito mais que especial/Axé, a Barra Funda pisa forte na avenida/sou quilombola, sob a proteção de Obatalá/lutei por justiça e igualdade/oprimido, vi meu povo desfilar/firmei o ponto lá no Largo da Banana/eu fiz batuque para o meu cordão passar/Ogunhê meu pai/na tua espada reluziu meu pavilhão/sublime, perfeito cenário/prá ser campeão do IV centenário*”.

das tradições. Mesmo possuindo fronteiras muito tênues, muitas vezes os conflitos instalados no interior da religião expõem uma forte crença na existência de um mundo “para os de dentro” e outro “para os de fora”. Considerando essa crença, o ponto de encontro entre o sagrado e o profano, o lado “de dentro” e o “de fora”, é justamente o segredo ritual. É a capacidade de manter o segredo que faz do mundo “de dentro” a dimensão sagrada, e do mundo “de fora”, a profana. Esse segredo, por sua vez, se compõe por elementos que envolvem tanto conteúdos físicos (performances, objetos materiais do culto, lugares do terreiro etc.) como simbólicos (receitas, cantigas, rituais, procedimentos etc.). Em 2014, durante o desfile no sambódromo de São Paulo, conforme muitos seguidores do candomblé, a escola de samba *Estrela do Terceiro Milênio*¹⁰ teria cometido o grave erro de, com a anuência de muitos dos seus componentes ligados a essa religião, ignorar as fronteiras do segredo ritual e levar ao público símbolos religiosos que deveriam ser mantidos na reclusão dos terreiros.

Ao adotar o samba-enredo *Xirê! Louvação aos orixás*, a escola assumiu o confessado desejo de vencer o campeonato, garantindo uma vaga no grupo das escolas especiais, ao mesmo tempo em que se expôs à revolta de grande parte da população ligada ao candomblé que, posteriormente, passou a acusá-la de profanar símbolos e elementos sagrados da religião.

O samba-enredo serviu de base para todo o enredo da escola, definindo também sua organização para o grande dia do desfile. Segundo matéria publicada pela Rede Globo, no seu portal de notícias, assim se deu a presença dessa caçula do carnaval paulistano:

Escola mais nova do Acesso, foi fundada há 16 anos no Grajaú, na Zona Sul, e fechou a noite de desfiles com o enredo “Xirê! Louvação aos orixás”, fazendo o resgate da cultura afro-brasileira, através do candomblé. A agremiação entrou na avenida com 2,4 mil componentes e também precisou correr no final para não estourar o tempo máximo. Comissão de frente e ritmistas da bateria “Pegada da Coruja” representavam orixás e desfilaram descalços. Já as baianas simbolizavam estrelas-guia e vieram logo atrás do abre-alas, como sinal de boa sorte para a escola.¹¹

¹⁰ A ficha técnica para o desfile de 2014 era: **Grupo Recreativo Cultural Escola De Samba Estrela Do Terceiro Milênio, Presidente:** Alberto Souza Miranda, **Carnavalesco:** Eduardo Félix, **Intérprete:** André Pantera, **Diretor De Carnaval:** Silvio Antônio Azevedo, **Comissão De Harmonia:** Guilherme Jorge, Wilson Olímpio, Renato Silva, **Diretor De Bateria:** Mestre Diego Silva, **Primeiro Casal:** Edilaine Campos e Everson Fernandes, **Enredo:** “Xirê! Louvação Aos Orixás”, **Cores Oficiais:** vermelho, azul, verde e branco, **Data Da Fundação:** 05/05/1998.

¹¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/carnaval/2014/noticia/2014/03/vila-maria-e-mancha-verde-garantem-vaga-no-grupo-especial-em-sp.html>. Acesso em: 14 mar. 2014.

Essa tentativa de resgate da cultura afro-brasileira a partir do candomblé, na verdade, renderia à escola um grande conflito com representantes dessa religião, como será apresentado a seguir. Os motivos que acirraram os ânimos dos religiosos foram justamente as fantasias e alegorias, de forma mais acentuada a fantasia dos componentes da bateria. Na verdade, todas as fantasias foram pensadas e elaboradas a partir dos elementos do candomblé. Quem assistiu ao desfile, ou mesmo quem visitou o site da escola, pôde ver, por exemplo, a exibição das fantasias distribuídas com os seguintes nomes: Ala 1 – *Aiyê: terra dos homens*, Ala 2 – *Olorum: Deus supremo*, Ala 3 – *Divinas queixas*, Ala 4 - *preparação dos mortais*, Ala 5 – *Padê de Exú*, **Ala 6 (Bateria) – *Yaô raspado e catulado***, Ala 7 – *Etu: Galinha de Angola*, Ala 8 – *Oferenda aos orixás*, Ala 9 – *Exú Mensageiro*, Ala 10 – *Ogun Guerreiro*, Ala 11 – *Ossain Folhas*, Ala 12 – *Oxumarê o arco-íris*, Ala 13 – *Nanã senhora das águas paradas*, Ala 14 – *Oxum rios e cachoeiras*, Ala 15 – *Logun Nedé o filho*, Ala 16 – *Ewa Cobra fêmea*, Ala 17 – *Obá Água doce*, Ala 18 – *Iansã os rios*, Ala 19 – *Xangô trovão pedreira* e Ala 20 – *Iemanjá águas salgadas*.

As fantasias, por sua vez, se baseavam no samba-enredo, que procurava reforçar a mensagem contida em um conhecido mito ioruba, tradicionalmente repetido nos terreiros de candomblé. Assim dizia a letra do samba-enredo:

*A mão do homem tocou
O branco imaculado de Obatalá
O sopro do divino criador
Um lindo céu emoldurou.
No lamento das divindades...
Com a permissão de Olorum
Abriu-se o portal do sagrado
Surgindo um novo amanhecer
Era a união do orun-aiyê.
Oxum...Rainha do ijexá foi
Escolhida pra ensinar
Os rituais Catulou...Raspou...Pintou,
Iniciando iyaô.
Xirê... Xirê vai começar
No toque do tambor
Dança orixá (BIS)
Xirê...Xirê Epá Babá...*

A devoção vai nos consagrar!
*A Cerimônia é no terreiro...
Laroyê ao Mensageiro, Ogun caminhos
Oxóssi caçador...Traz folhas Ossanhê
A cura é Óbaluaiê... Sob o arco-íris de
Oxumarê.
Saluba Nanã... E a fertilidade Logun
Edé... Ewá verdade
Obá vem nos guiar, ao vento Eparrei
Oyá. Xangô na proteção,
Iemanjá a Rainha do Mar
A paz de Oxalá.
Motumbá... Kolofé
A Zona Sul tem mais axé (Refrão)
Sou Terceiro Milênio...
A Estrela que brilha com candomblé!*

Além do samba-enredo e das fantasias, outro elemento chamava a atenção para rituais considerados pelo povo do candomblé como sagrados e secretos. Na página

principal do *site* da escola, assim como nas camisetas dos componentes, a cabeça de um recém-iniciado exibia a raspagem (*catulação*), a pintura ritual, o *ôxu*¹² e o símbolo máximo da iniciação nessa religião: a pena vermelha chamada *ekodidé*. Era demais para os candomblecistas ortodoxos! Mais tarde, após o desfile da escola, a imagem dos componentes da bateria vestidos como iaôs ganharia as redes sociais, atraindo as mais variadas críticas e maldições.

A composição da fantasia incluía ‘carecas falsas’, como descreveu um dos religiosos que criticou a escola, imitações das pinturas rituais, o *kelê* (colar sagrado chamado por muitos de “joia dos orixás”), a reprodução da pena de *ekodidé* e aquilo que para alguns seria o cúmulo da profanação: a imitação do *ôxu*. Como veremos nos comentários coletados nessas redes sociais, durante o calor do conflito, houve quem invocasse a fúria dos ancestrais africanos e das divindades contra a escola, assim como houve quem exigisse um posicionamento oficial por parte das federações religiosas e até mesmo da SEPPIR¹³.

O desfile da *Estrela do Terceiro Milênio* não lhe garantiu a vitória esperada. Punida pela Liga das Escolas de Samba com a perda de três pontos, sob a acusação de enxerto (reutilização de alegorias de outras escolas) a Estrela sairia do campeonato com dois conflitos a enfrentar: um judicial, na tentativa de provar que não infringiu o regulamento e um religioso, que criou com certos setores do candomblé pela exposição, segundo os acusadores, dos segredos da religião. Em função do objetivo deste trabalho, não me deterei a respeito do conflito judicial posterior ao desfile, reservando a mim apenas o papel da análise do conflito religioso que se sucedeu ao desfile. Como material básico para esta análise, utilizarei os comentários repercutidos pelas das redes sociais, já que foi nesse espaço que se travaram as principais manifestações de insatisfação, indignação e ataques à escola.

¹² Elemento considerado sacratíssimo no processo iniciático, o *ôxu* é cuneiforme, de elaboração secreta e extremamente complexa, sendo afixado no alto da cabeça dos neófitos sobre uma incisão ritual.

¹³ Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, órgão oficial ligado ao Governo Federal.

Figura 1: Cartaz de anúncio do samba-enredo da escola de samba Estrela do Terceiro Milênio. São Paulo, 2014.



Fonte: Disponível em <http://www.estrela3milenio.com.br>. Acesso em: 04 mar. 2014.

Figura 2: “*Yaô raspado e catulado*”. Esse era o nome da fantasia exibida pela Ala 6 (Bateria) da Estrela do Terceiro Milênio, no desfile do grupo de acesso, no sambódromo de São Paulo em 2014. Mais tarde essa imagem circularia largamente na internet e nas redes sociais, atraindo as mais severas críticas e esconjuros de diferentes setores do candomblé.



Nas trincheiras virtuais: a reação à exposição dos “segredos”

Logo nos dias subsequentes ao desfile do grupo de acesso, assim que as imagens do desfile da *Estrela do Terceiro Milênio* começaram a circular na mídia, o conflito religioso se instalou nas redes sociais, e, principalmente, no *facebook*. Era uma reação à atitude dessa escola. Imediatamente tomei conhecimento do conflito. Acompanhei então a discussão e os fóruns, prestando muita atenção às diferentes opiniões referentes ao episódio. Fiz algumas coletas de comentários publicados no *facebook*, tendo o cuidado de registrar os responsáveis por esses comentários. Inicialmente, coletei nove páginas de discussão, repercutidos por meio de postagens nas páginas de duas pessoas. Na coleta do dia 05/03/2014, copiei e registrei a discussão repercutida pelo *post* de Nuno Coelho, internauta que, mesmo se dizendo católico, mostrou-se contra a atitude da escola de samba. À sua manifestação de repúdio ao desfile seguiam-se um pouco mais de vinte e quatro comentários de pessoas que se diziam ligadas ao candomblé e a outras religiões. Assim constava no comentário de Nuno Coelho:

Repudio a utilização da fé no carnaval. Embora eu professe formalmente a Fé Católica me uno aos meus irmãos do Candomblé nesta hora. Não é admissível que as festividades carnavalescas sejam desvirtuadas por quem não tem respeito pelas religiões e tradições de fé. Acredito que a utilização de elementos do Candomblé desta forma ferem profundamente o princípio da liberdade religiosa e a manifestação das tradições de culto. Registro aqui em meu nome e em nome dos APNS do Brasil [Agentes de Pastoral Negros do Brasil] nosso repudio ao G.R.E.E.S. Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio fundada aqui [em] São Paulo por mais este lamentável acontecimento que só serve para ferir a dignidade humana e o respeito aos cultos seja ele qual for. Nuno Coelho. (Informação coletada do ciberespaço da página pessoal do informante no Facebook).

Aos comentários de Nuno Coelho seguiram-se vários outros, ora condenando a atitude da escola de samba, ora moderando a contundência daqueles que consideravam o desfile um imperdoável sacrilégio. Reproduzindo as palavras de outra liderança do candomblé, Marli Ogunladê Barbosa chegou a propor que as lideranças dessa religião se reunissem oficialmente com as agremiações carnavalescas, para discutir a exposição da religião durante os desfiles. Assim ela se posicionou:

Faço das palavras da minha Coordenadora do CENARAB Sinhá Doné Kika Silva de Bessen as minhas: "Compartilho da indignação de tod@s sacerdotes, nossa religião não dá pra virar folclore, na avenida e muito menos no carnaval. Considero a utilização e reprodução de nossas liturgias e de Orisás, Voduns e Inkices um grande desrespeito as nossas tradições e religiosidade.

As religiões de Matriz [africana] merecem respeito. Mas o que fazer para mudar esta ideia de que estamos levando cultura para a sociedade racista e intolerante? Para quê? É bom lembrar que a utilização de nossos símbolos religiosos não está acontecendo só neste carnaval, vem de longe e ninguém ou nenhum religioso(s) do candomblé tomou uma atitude de conversar com todas as agremiações que fazem o carnaval, de blocos afros às grandes escolas de samba. É nisso que dá!!!! (Informação coletada do ciberespaço, da página pessoal da informante no Facebook).

Na mesma tônica de Marli e Nuno, outra liderança do candomblé, Vando Bigão Tata Kimutalemy, expressou sua revolta dizendo que “*Não curto e nem compartilho. Daqui a pouco vão fazer santo dos outros na rua para todos verem*”. Ao que Darci da Penha também endossou: “*Os rituais das religiões de matrizes africanas, assim como seus símbolos, não deveriam servir de alegorias profanas. A nossa mística deve ser preservada*”. (Informação coletada do ciberespaço, da página pessoal da informante no Facebook).

Na sequência dessa conversa, a partir do comentário de Darci, os seguintes passaram a ser mais longos, coerentes e bem fundamentados, apesar de alguns terem sido quase violentos. Asogun Sebastian, por exemplo, assim se pronunciou:

Concordo, acho que a escola deveria ser severamente punida judicialmente por expor o nosso rito mais sagrado, o nascimento de um iniciado. Lembram quando Joãozinho Trinta quis colocar um Cristo vestido em farrapos?? a igreja caiu de pau em cima e o Cristo foi PROIBIDO! então por que nossa religião tem que ser exposta, achincalhada desse jeito?? uma festa profana NÃO combina com o candomblé, uma festa regada a álcool, orgias, drogas e afins não combina com o candomblé. Ao permitirmos isso, fortalecemos a demonização do candomblé, fortalecemos nossos inimigos cristãos. ACORDEM! (Informação coletada do ciberespaço, da página pessoal do informante no Facebook).

Considerando que o cargo de axogun é um dos que mais participa daquilo a que chamei *terceira esfera do segredo* (ARAÚJO, 2011, p. 73), aqui já posso adiantar o meu argumento principal na análise desse conflito instalado. Para mim, o que está por trás do conflito é justamente a concepção de segredo existente entre as lideranças da religião. E, conforme já expliquei no trabalho citado acima (2011), a concepção de segredo ritual entre o povo de candomblé varia bastante, já que aquilo que para alguns é tido como ultrassecreto, para outros nem chega a constituir segredo.

Em outro trabalho, escrevi:

Ou seja, como cada terreiro é um terreiro, aquilo que é considerado segredo em uma determinada casa de candomblé pode não o ser em outra, mesmo que ambas façam parte da mesma casa originária. Dessa forma, cada grupo elabora

e preserva seus segredos de acordo com aquilo que é negociado como o que constitui seu segredo [...]. (ARAÚJO, 2011, p. 59).

Os mais incomodados com a performance da escola de samba em questão são as lideranças religiosas (os mais velhos, ou a esfera dos *ebômes*). Todavia, é importante retomar mais alguns comentários, antes de procedermos com a análise mais profunda do conflito em si.

Apresentando-se apenas como Flávio Santos, outro candomblecista se declara revoltado com a exposição, já que segundo ele:

Acredito que o sagrado deve ser preservado, o culto e o todo que o circula não deveria ser exposto em uma festa "profana", que além do mais não tem papel de formação ou conscientização sobre a religião e sim somente aparição social e alegórica!!! Já chega não somos enfeites do Brasil somos um povo tradicional que merece respeito por seus cultos seculares. (Informação coletada do ciberespaço, da página pessoal do informante no Facebook).

Houve também quem atribuísse a transgressão da escola à influência das condutas das próprias lideranças religiosas, confirmando assim o que afirmei no trabalho referido (ARAÚJO, 2011), quando explanei que aqueles que geralmente são culpabilizados pela revelação dos segredos são pessoas “de dentro”, ligadas ao universo do terreiro – como são muitos componentes de escolas de samba, inclusive desta em análise.

Márcia de Araújo Cruz, por exemplo, se queixa de ouvir no terreiro que não se deve falar acerca do que acontece durante a iniciação, e depois vê isso exposto no sambódromo. Em suas palavras:

Fiz minha iniciação e pede-se tanto para não comentarmos nada que [foi] feito [no] quarto de santo. De repente vejo uns preceitos de santo em pleno desfile. Sempre acreditei que o ekodidé fosse um objeto sagrado... Mas enfim está valendo pouco entendo mas respeito minha origem... Que oya minha mãe olhe por nos. (Informação coletada do ciberespaço, da página pessoal da informante no Facebook).

Na sequência do seu *post*, Mauro Nunes é ainda mais contundente e chega a criticar diretamente algumas pessoas ligadas a um grupo de discussão a respeito do segredo no candomblé, quase atribuindo a elas a responsabilidade pela ação da escola de samba herética:

Estão vendo Gill Sampaio Ominirô e demais amigos do grupo Cultura Yorubá, defensores da "exposição dos segredos" de forma indiscriminada, em nome de uma pretensa "abertura" da religião??? É nisso que dá!!! Agora não adianta

protestar e reclamar... Tarde demais!!! É daí pra pior... (Informação coletada do ciberespaço, da página pessoal do informante no Facebook).

Contudo, o comentário mais significativo no sentido de relativizar a culpa da escola e atribuir às lideranças da religião foi o de Jean Fábio Faria Almeida, motivo pelo qual o reproduzo aqui na íntegra:

Agô a todos os meus mais velhos, mas preciso manifestar minha opinião. Concordo que esse tipo de "fantasia" para uma bateria de escola de samba extrapolou qualquer bom senso, no que diz respeito a um culto que pretende se manter secreto. Mas aproveitei esse episódio para manifestar o meu repúdio à extrema exposição da nossa religião permitida pelos zeladores, babalorixás, yalorixás, Donés, Dotés, Tátas, etc. Os candomblés hoje em dia são filmados, fotografados, reeditados, colocados fundos musicais enfim, tudo isso pelos próprios filhos do axé. No youtube tem toda a sorte de candomblés, rum de todos os orixás que se quiser conhecer. Estamos incomodados com um fundamento de iniciação exposto. Estamos nos colocando na posição de vítimas. E o que pensar dos zeladores que permitem que as divindades de suas casas, orixás, voduns e inkises, sejam vestidos como destaques de escolas de samba? É a carnavalesação da religião, que na minha opinião já começou faz muito tempo dentro das comunidades religiosas. O EXERCÍCIO DA CRÍTICA DEVE SEMPRE SER ACOMPANHADO DA CAPACIDADE DE APLICÁ-LO A SI MESMO. Se alguém transformou esse fundamento em fantasia, foi porque um de nós em algum momento o exibiu. Axé a todos. (Informação coletada do ciberespaço, da página pessoal do informante no Facebook).

Como se pode observar, Jean transfere a responsabilidade da exposição dos segredos da escola de samba para as lideranças religiosas. Essa acusação assumirá a principal tendência nas discussões quanto aos fatos acontecidos no sambódromo. Tal contenda, que se deu nas redes sociais, caso tivesse ocorrido com a presença física dos envolvidos, com certeza teria chegado às vias de fato, ou mesmo à troca mútua de feitiços punitivos, haja vista o teor das críticas, a troca de impropérios e mesmo a invocação de castigos por parte das divindades que, segundo alguns dos envolvidos na discussão, jamais deveriam ter permitido tamanho absurdo acontecer. Ora, na minha compreensão, esse conflito é passível de uma análise tanto à luz da sociologia do conflito, nos parâmetros estabelecidos por George Simmel (1983), quanto da sociologia da economia das trocas simbólicas, conforme discutida por Pierre Bourdieu (1974), ao analisar a gênese e estrutura do campo religioso.

Minha opinião é de que o conflito reflete tensões internas e externas inerentes ao grupo que aqui podemos chamar de povo do santo. Da mesma forma, ele revela uma disputa pelo monopólio do capital religioso desse grupo, no sentido de que aqueles que reivindicam o monopólio desse capital (a esfera dos ebômes) diante do desfile da *Estrela do Terceiro Milênio* se viram na iminência do perigo de uma ruptura com esse monopólio.

Por isso que, ao longo da discussão polêmica, a responsabilidade pelo sacrilégio e pela quebra do segredo vai sendo deslocada da escola de samba para as lideranças religiosas envolvidas com ela que teriam, num ato de traição à tradição e ao corporativismo religioso, violado os preceitos ligados ao segredo ritual. Como se pode constatar, essa tendência fica ainda mais evidente nas postagens repercutidas a partir do compartilhamento do babalorixá Thiago D'Odé.

Se a postagem de Nuno Coelho deu margem ao acirramento dos ânimos, a postagem do babalorixá Thiago D'Odé será ainda mais fértil, no sentido de envolver um número impressionante de religiosos e religiosas do candomblé em torno da questão. No momento da coleta da discussão resultante da sua postagem, era possível observar que até aquele dia,¹⁴ a polêmica postagem já exibia o significativo número de seiscentos e quarenta compartilhamentos, estando entre aqueles que o babalorixá “marcou”, pessoas ligadas às diferentes esferas do segredo, o que significa pessoas situadas nas mais variadas posições hierárquicas da religião, além, é claro, de estarem aí incluídas páginas de comunidades, *sites* e *blogs* de diferentes terreiros de São Paulo e do Brasil, o que demonstra o amplo raio de abrangência que a polêmica atingiu. Na impossibilidade de reproduzir aqui todas as repercussões dessa postagem, retomarei apenas alguns dos mais significativos comentários provocados e repercutidos por ela.

No primeiro comentário que o babalorixá faz, para apresentar e introduzir sua postagem, ele deixa claro sua opinião a respeito do desfile da escola:

*Boa noite! Me sentindo indignado!!! Até que ponto a nossa religião tem ligação com o carnaval a ponto de levar para uma avenida, fundamentos?? Para mim isso representa uma grande INTOLERÂNCIA RELIGIOSA... Chateado... Como as pessoas não têm o senso do RIDÍCULO... Odé Becifú”.*¹⁵ (Informação coletada do ciberespaço, da página pessoal do informante no Facebook).

Em seguida, ele marca algumas dezenas de lideranças famosas do candomblé de São Paulo e da Bahia, chamando-as para a conversa acerca do acontecido. Seus potenciais interlocutores não se fazem de rogados, de imediato correspondem à sua provocação, entrando assim na conversa.

¹⁴ A coleta foi realizada no dia 06 de março de 2014, portanto, quatro dias após o desfile da escola.

¹⁵ A utilização de palavras em “caixa alta”, assim como a utilização de vários sinais de interrogação ou de exclamação não são minhas e correspondem à forma utilizada pelos sujeitos envolvidos na polêmica. Como se sabe, no português do Brasil, assim como na linguagem virtual, essas estilizações da escrita correspondem ao desejo de enfatizar e chamar a atenção de forma acentuada ao que se está dizendo.

Um dos primeiros a corresponder à provocação do babalorixá é Raphael Drumond, que responde ao chamado criticando a atitude da escola e invocando o castigo dos orixás para ela: “*Que escola de samba é essa? Misericórdia que coisa ridícula, ai como eu quero que os orixá deem um pau em todos eles*”. (Informação coletada do ciberespaço, da página pessoal da informante no Facebook). Já Adrião Marcelino apela para as entidades representativas e federações que congregam as religiões afro-brasileiras, como instâncias de fiscalização e punição para a escola, como se por trás da exposição houvesse religiosos infratores: “*Isto é um absurdo, onde estão as federações e as autoridades que defendem o candomblé??????*”, (Informação coletada do ciberespaço, da página pessoal do informante no Facebook), fórmula de repúdio e desaprovação que foi copiada e reproduzida depois por Wesley James. Ao se referir às federações, essas pessoas deslocam completamente a responsabilidade pela exposição dos segredos da escola de samba para as lideranças religiosas supostamente ligadas a ela.

Isso fica ainda mais evidente na posição de Goreti Silva que, não se contentando em exigir o posicionamento das federações, vai mais longe: “*Cadê os mais velhos e a SEPPIR?*”. (Informação coletada do ciberespaço, da página pessoal do informante no Facebook). Nas palavras de Goreti, o problema transcendia o limitado âmbito da religião e devia ser direcionado às esferas administrativas da política institucional, que não deveriam permitir o suposto vilipêndio aos símbolos das religiões afro-brasileiras. Era necessário que a própria SEPPIR se posicionasse. Percebe-se que o conflito vai se acirrando ainda mais, misturando reivindicações de caráter político a maldições e impropérios no iorubá dos candomblés, como demonstra a simples e direta opinião de Claudia Martins, que se limita a dizer: “*Asé fuó!*”, ou o comentário de Carlos Marques, que vocifera: “*Simplesmente sem comentários. Um bando de cossi be tó!!!!*”.¹⁶ Vera Rangel, por sua vez, grita: “*Chegamos no cúmulo do absurdo*”. (Informação coletada do ciberespaço, da página pessoal do informante no Facebook).

Daqui pra frente, os comentários realmente assumem a forma de conflitos entre religiosos, distribuídos em categorias que assumem posturas de ortodoxia e de defesa da promoção da beleza da religião no espaço público. Em função da limitação do espaço para essa discussão aqui, optei por suprimir a maioria dos comentários daqueles que defenderam a atitude da escola e dos membros da escola, que se pronunciaram afirmando

¹⁶ A expressão “*Cossi Betó*” é utilizada nos terreiros para se referir a alguém sem conhecimento ou detentor de um conhecimento limitado. Expressão que corresponde, no Brasil, à expressão “Burro”.

que ela não expôs nenhum segredo nem reproduziu rituais na avenida. Essa opção se justifica, inclusive, pelo desejo de aqui apenas refletir a respeito do significado simbólico dessa polêmica para a compreensão que se tem no interior do candomblé a respeito do segredo ritual. E é a partir dessa ideia que pretendo analisar esse conflito, na perspectiva da teoria do segredo que comecei a desenvolver ainda na minha pesquisa realizada na PUC-SP, durante o mestrado (já citada anteriormente).

“A Cerimônia é no terreiro... Abriu-se o portal do sagrado”¹⁷

As reações à presença de símbolos sagrados do candomblé, como a reprodução de um neófito (*iaô*) portando a cabeça raspada (*catulada*), as pinturas rituais, o *ôxu* e principalmente a pena sagrada *ekodidé* comprovam (como já afirmei em pesquisa anterior citada) que, entre o povo do santo, a ideia da existência de segredos a serem preservados no interior dos terreiros e no âmbito da religião continua forte. Para além da questão que envolve concepções de sagrado e profano, para mim, o que está por trás dessa polêmica são as diferentes concepções de segredo ritual que permeiam esse universo religioso, e que continuam atuando nas redes de configuração das representações e engendramento das relações de poder.

Como já indiquei anteriormente, em minha opinião, tal polêmica só teve tanta força porque o desfile da *Estrela do Terceiro Milênio* tocou justamente no ponto nevrálgico das configurações de poder no candomblé. E esse ponto passa diretamente pela ideia que se tem de segredo, poder e conhecimento religioso. É como se as lideranças religiosas ligadas à escola de samba em questão tivessem traído o pacto tácito de segredo existente na religião, e colocado sob ameaça o poder da esfera dos *ebômes*¹⁸, ao exporem aquilo que só eles têm o poder legítimo de fazer, desfazer, refazer, revelar ou ocultar. Além disso, a relação entre candomblé e carnaval sempre foi muito estreita e isso se deve, inclusive, a elementos estruturais profundos existentes entre esses dois universos, como

¹⁷ Da letra do samba-enredo da Estrela do Terceiro Milênio para o carnaval 2014.

¹⁸ Iniciados há mais de sete anos e que já se submeteram ao ritual de *deká* que atribui a senioridade iniciática.

explicam José Flávio Leopoldi (1977), Rita Amaral (1992; 2005) e tantos outros pesquisadores.

Contudo, em função da compreensão de que a única voz autorizada a definir o lugar e o tempo de gerenciamento do sagrado são os *ebômes* – fato que nos remete às concepções bourdieunianas de campo religioso – sempre que a indiscrição quanto aos “fundamentos” da religião confunde as fronteiras imaginariamente existentes entre carnaval e candomblé, terreiro e sambódromo, instala-se o conflito. Há, subjacente a esse conflito, a clássica ideia apresentada por Pierre Bourdieu, em *A Economia das trocas simbólicas* (1974), de que o campo religioso comporta uma constante tensão entre aqueles que reivindicam a administração legítima e autorizada dos bens de salvação (neste caso, dos conteúdos do segredo ritual) e aqueles que, por sua atuação e performance, transgridem as regras tácitas do funcionamento do campo. Não é à toa que uma das figuras mais proeminentes da história do candomblé, o babalorixá Joãozinho da Gomeia, foi tão criticado pelo fato de juntar as duas coisas, como podemos constatar no artigo de Vagner Gonçalves da Silva e Raul Lody, *Joãozinho da Gomeia: o lúdico e o sagrado na exaltação do candomblé* (2002).

Naquele artigo, esses dois pesquisadores defendem a acertada ideia de que, longe de prejudicar a religião, ao unir suas duas grandes paixões (o candomblé e o carnaval)¹⁹, Joãozinho da Gomeia deu uma indiscutível contribuição para a promoção dessa religião, apesar de ter sido quase execrado ao levar símbolos do candomblé para o universo do entretenimento, inclusive para boates e para o carnaval carioca. Para as lideranças religiosas da época, o comportamento de Da Gomeia era um verdadeiro sacrilégio. Assim como para os candomblecistas ditos ortodoxos de 2014, a atitude da *Estrela do Terceiro Milênio* constituiu um verdadeiro absurdo, passível de punições por parte dos orixás, das federações e até da SEPPIR. Porém, nas polêmicas protagonizadas por Joãozinho Da Gomeia, esse tipo de movimento teria contribuído sobremaneira para que o candomblé conseguisse “ganhar o mundo”. Também assim pensam muitos dos defensores da *Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio* e, como era de se esperar, entre os principais partidários dessa ideia estão os seus componentes.

¹⁹ Conforme palavras do próprio Joãozinho da Gomeia: “*Sou um homem simples, vivo somente para duas coisas na vida: o candomblé e o carnaval*”. (Joãozinho da Gomeia). *Folha Carioca*, 17/06/1949. (Apud SILVA; LODY, 2002, p. 166).

Com isso, a mesma polêmica que envolveu Da Gomeia durante a década de 1940 reapareceu em 2014, em São Paulo. Nas palavras de Silva e Lody (2002), tais reações se explicam, em parte, por que “O trânsito entre o universo do terreiro e do carnaval não pode ser visto (...) como consensual entre os religiosos [Já que] o próprio Joãozinho foi duramente criticado por expor-se na folia, em prejuízo de sua condição de sacerdote”. (SILVA; LODY, 2002, p. 167). Tais palavras também são a chave para se compreender bem as reações à presença de reproduções de símbolos sagrados do candomblé no carnaval paulistano de 2014. Afinal, para os religiosos que se revoltaram e se indignaram com a *Estrela do Terceiro Milênio* (ou com as lideranças de candomblé ligadas a ela), a exposição do desfile poderia representar prejuízos para a religião. Eu diria: na verdade os incomodados temiam prejuízos para a autoridade das lideranças religiosas que viam na avenida aquilo que elas acreditam que só poderia ser visto no terreiro e por poucos. Ao que parece, todo o conflito instalado em função do desfile da *Estrela do Terceiro Milênio*, em 2014, deve-se ao medo de que a exposição de rituais do candomblé interfira na autoridade dos mais velhos (esfera dos *ebômes*), elemento que compõe e mantém os antagonismos internos ligados à configuração das relações de poder na religião.

Nas palavras de Simmel, o momento de conflito é crucial para a existência dos grupos, já que “uma condição de conflito, todavia, aproxima os membros tão estreitamente e os sujeita a um impulso tão uniforme que eles precisam concordar ou se repelir completamente” (SIMMEL, 1983, p. 154). Ainda segundo o autor, a importância do conflito se dá justamente porque “Esta é a razão pela qual a guerra com o exterior é, algumas vezes, a última chance para um Estado dominado por antagonismos internos superar estes antagonismos, ou então dissolver-se definitivamente” (SIMMEL, 1983, p. 154). Nesse sentido, para Simmel, o conflito pode mesmo ser visto “como base tanto para a formação como para a manutenção e coesão do grupo, já que ele possui uma função unificadora, conseguindo aproximar indivíduos e grupos que, em situações diferentes, não teriam qualquer relação entre si” (SIMMEL, 1983, p. 157). E durante o conflito assumem um sentimento geral de solidariedade, como aconteceu com a parcela do povo do santo de São Paulo, que se uniu para criticar a atitude da *Estrela do Terceiro Milênio*. Isso explicaria o porquê da união de sujeitos que nem mesmo se conhecem pessoalmente, mas que compartilharam da indignação em relação à revelação de segredos no espaço público do sambódromo paulistano.

Essa indignação massiva e comum também se explica pelas palavras de Simmel, já que, segundo ele:

A força sintética de uma oposição comum pode se determinar, não pelo número de pontos de interesse compartilhados, mas pela duração e intensidade da unificação. Nesse caso, é especialmente favorável à unificação se, em vez da luta real contra o inimigo, existe uma ameaça permanente de sua parte (SIMMEL, 1983, p. 162).

Às palavras de Simmel juntam-se as de Bourdieu, quando este afirma que os gerenciadores do capital religioso sempre desconfiarão dos profetas, hereges e feiticeiros. Isso porque, para a classe sacerdotal (no candomblé, a esfera dos *ebômes*), a única autorizada a reproduzir e dispensar os bens de salvação é ela própria. Ou seja, na verdade, o que realmente estava por trás de toda a polêmica contra a *Estela do Terceiro Milênio* era o medo das lideranças do candomblé paulista de perderem seu poder e autoridade religiosa, por causa da inegável capacidade do carnaval de engendrar novas realidades sociais a partir de suas performances na avenida. O que se temia era o fim do monopólio do segredo.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Patrício Carneiro. **Segredo e poder no candomblé**: as metamorfoses do segredo e a coesão intra-terreiro. In: XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: "Diversidades Igualdades", 2011, Salvador. Anais Eletrônicos do XI Conlab, 2011.

_____. **O segredo no candomblé**: relações de poder e crise de autoridade. 2011. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 195 p.

_____. Awo Òrìsà: o segredo ritual como fonte do poder dos ègbónmi. **Revista Nures**, Ano VIII, Número 22, Setembro-Dezembro de 2012. p. 1-23. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/21187/15488> Acesso em: 09 jul. 2017.

AMARAL, Rita. **Povo-de-santo, povo de festa**: estudo antropológico do estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

_____. **Xirê! O modo de crer e viver no candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: Educ, 2005. 119 p.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974. 27-69 p.

DA MATTA, Roberto. O carnaval como um rito de passagem. *In: Ensaios de Antropologia Estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 19-66.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 350 p.

DURKHEIM, Émile. **As Formas elementares da vida religiosa**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 609 p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. 191 p.

GENNEP, Arnold Van. **Os Ritos de passagem**. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1977. 184 p.

JOHNSON, Paul Christopher. **Secrets, gossip, and gods**: the transformation of brasilian candomblé. Oxford: Oxford University Press, 2002. 240 p.

LEOPOLDI, José Sávio. **Escola de samba**: ritual e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1977. 146 p.

MAURÍCIO, George. **O candomblé bem explicado**: nações Bantu, Ioruba e Fon. Ode Kileuy e Vera de Oxaguiã; [Org. Marcelo Barros]. Rio de Janeiro: Pallas, 2009. 368 p.

MOURA, Roberto. **A Pequena África e o Reduto de Tia Ciata**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995. Disponível em: http://www.saberglobal.com.br/deondeabaianavem/download/TiaCiata_e_a_Pequena_%C3%81frica_no_Rio.pdf Acesso em: 9 jul. 2017. 260 p.

OLIVEIRA (T'OGUN), Altair B. **Elegun**: iniciação no candomblé: feitura de Ìyàwó, ogán e ekédjì. 3. ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2009. 102 p.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 328 p.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 194 p.

SILVA, V. G. da.; LODY, Raul. **Joãozinho da Gomeia**: o lúdico e o sagrado na exaltação do candomblé. *In: Caminhos da alma: memória afro-brasileira*. 2. ed. São Paulo: Summus, 2002. p. 153-181.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Org. Evaristo de Moraes Filho. Col. Grandes Cientistas, nº 34. São Paulo: Ática, 1983. 192 p.

VON SIMSON, Olga Rodrigues. **Carnaval em branco e negro**: carnaval popular paulistano, 1914-1988. Campinas: Editora Unicamp, 2007. 396 p.

TACCA, Fernando de. **Imagens do sagrado**: entre Paris Match e O Cruzeiro. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. 200 p.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974. 248 p.

_____. **La Selva de los símbolos**: aspectos del ritual ndembu. Traducción de Ramón Valdés del Toro. Madrid: Siglo XXI de España Editores S.A., 2008. 455 p.